

Racismo que causa enchentes

Causa é a boa e velha pobreza, que afeta brancos, pretos, indígenas e quem mais vier

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP

A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco, estava apenas repetindo lugares comuns do discurso progressista, mas acabou jurando a boia — como o falo de autoridade costumeira — e gerou reação. Publicou a ministra, no dia 14, em sua conta no X: "Estou acompanhando os efeitos da chuva de ontem nos municípios do Rio e o estado de alerta com as iminentes tragédias, fruto também dos efeitos do racismo ambiental e climático". Espera: então agora devemos acreditar que as enchentes

no Rio são fruto do racismo? O ruído, é claro, acabou soando muito mais alto do que o problema social real. Não faltaram defensores da fala. O "racismo ambiental", nos asseguram, é termo usado na academia desde os anos 1980. Há milhares de acadêmicos e milhares de artigos com esse valioso conceito. Como reles leigos brasileiros ousam questioná-lo? Ocorre que o falo de milhares de acadêmicos usualmente não tem significado que ele tenha algo a agregar numa discussão do mundo

real. A academia não é um oráculo que busca suas verdades para nós. Pelo contrário: hoje a academia — especialmente de humanas — é que precisa provar sua relevância. A ministra justificou sua fala com o fato de que negros são a maioria dos afetados nas enchentes. Eis aí o racismo ambiental. A questão é: o que se ganha com esse recorte racial? Pois ele não é indico. Embora o problema social continue o mesmo, nossa maneira de olhar para ele mudou. Quando falamos em

racismo, já apagamos quais quer vítimas brancas. Segundo dados que a própria ministra citou, 69% dos moradores de favelas no Rio se declaram pretos ou pardos. Se a enchente é fruto do racismo, será que aqueles 31% de brancos não foram igualmente atingidos? Se foram — e é óbvio que foram — então a causa não é o racismo, e sim a boa e velha pobreza, que afeta brancos, negros, pretos, indígenas e quem mais vier. Além disso, tratar o problema como um tipo de racismo

nos afasta das soluções. Em vez de discutir obras de infraestrutura urbana, novas moradias — que nada têm a ver com cor de pele — vamos discutir o racismo na sociedade, discussão cuja conclusão é obrigatória, já sabemos, é que ele é "estrutural" e portanto só será resolvido com o fim do capitalismo. Era tão mais fácil melhorar o esgoto urbano.

Há áreas em que o recorte racial é relevante, porque joga luz em mazelas de que a simples desigualdade social não dá conta. Um negro pobre sofrerá mais assédio de segurança de um shopping do que um branco pobre. Mas será que as chuvas castigam mais um negro favelado do que seu vizinho branco? Claro que não. A razão aí é incidental, não tem relação direta com o problema, e tampouco é parte de sua solução. Ou será que, resol-

vendo o problema do racismo, estariam também resolvidas as enchentes nas periferias? Talvez até o aquecimento global? O racista é tão preguiçoso que já está batendo: identifique um problema social qualquer que seja fruto da pobreza ou da desigualdade. Constate que, como negros são em média mais pobres do que brancos no Brasil, esse problema afeta desproporcionalmente mais pessoas negras. Pronto, você descobriu um novo tipo de racismo. Negros têm mais dificuldade econômica de comprar um smartphone? Racismo telefônico. A solução dos problemas talvez fuja mais distante, mas você terá mais engajamento nas redes do que se discute saneamento básico e distribuição de renda.

JOEL PINHEIRO DA FONSECA, Celso Rocha de Barros | ISE, Deborah Bizarri, Camila Rocha | TER, Joel Pinheiro da Fonseca | JOU, Elio Gaspari | QU, Conrado H. Mendes | SE, Marcos Augusto Gonçalves | SÁ, Demétrio Magnoli



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) fala com jornalistas após depor à Polícia Federal. Imagem: Marcelo - 18.01.2024/Reuters

Bolsonaro fala em implosão do PL após Valdemar elogiar Lula

Crítica de ex-presidente a declaração de dirigente expõe fissura no partido

Marianna Holanda

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) citou a possibilidade de "implosão do partido" por "declarações abusivas", após o dirigente Valdemar Costa Neto ter elogiado o presidente Lula (PT). O diálogo do ex-mandante com apoiadores ocorreu no Rio de Janeiro, foi gravado e a Folha teve acesso ao vídeo. Um dos simpatizantes questionou sobre o PL vir forte nas eleições deste ano. "Tudo na vida passa um pouquinho para vida familiar de cada um de nós. Problemas têm. Essa semana tive um problema sério, não vou falar com quem. Se continuar assim, vai implodir o partido. Pessoa do partido dando declaração absurda, como 'o Lula é extremamente popular'. Mandei ele tomar um [cachaça] 51 ali na esquina ali".

Em um dos momentos do vídeo, Valdemar disse que o petista é diferente do ex-presidente porque tem prestígio, embora não tenha "o carisma que Bolsonaro tem". "O Lula tem prestígio. Popularidade. Ele é conhecido por todos os brasileiros. O Bolsonaro não. O Bolsonaro teve um mandato só". No trecho que ficou de fora da edição, Valdemar também disse Bolsonaro tem prestígio há muito tempo e lembrou de quando ambos eram colegas na Câmara. Segundo o dirigente, numa ocasião ele levou ao então deputado Bolsonaro um bilhete com elogios de seu pai, Valdemar Costa Neto, então prefeito de Mogi das Cruzes (SP). O vídeo tornou o presidente do PL, alvo de bolsonaristas, como fake por, segundo ele, ter sido tirado de contexto. Valdemar disse ainda que a repercussão do vídeo foi "coisa de PT" e minimizou o episódio, afirmando que Bolsonaro nem ligou para ele por isso. "O que eu falei do Lula, eu falei porque é verdade. Se não falar a verdade, perco a credibilidade, que é o que me resta na política. Ninguém pode negar que ele foi bom presidente. Ele elegia a Dilma [Boseff]. Só que eu tava fazendo comparação: o Lula tem prestígio, Bolsonaro tem uma coisa que ninguém tem no pla-

neia, carisma", disse à Folha. A crítica do ex-presidente expôs uma fissura na legenda, dividida entre o grupo bolsonarista e a ala formada por políticos próximos ao centro. A avaliação de integrantes da sigla é de que o presidente do PL não mudará de opinião, mas deve submergir — até porque está de férias. A crise só não escalou mais porque o Congresso está de recessão, o que reduz a repercussão das questões de Bolsonaro. Segundos relatos, o ex-presidente e o dirigente do PL, conversaram sobre o episódio no final de semana. Pessoas próximas dizem que o ex-chefe do Executivo demonstrou irritação e que Valdemar alegou que o vídeo foi editado. A ala mais bolsonarista do partido se incomodou com a fala do presidente do PL. Integrantes desse grupo dizem que, mesmo fora de contexto, não é aceitável esse tipo de elogio ao adversário. A Folha ouviu diferentes aliados de Bolsonaro, que usam termos como "constrangedora", "infeliz" e "inaceitável" para se referir à declaração. "Confesso que tomei um susto quando vi. Ele tem que cuidar mais quando fala da Lula. Tem que prestigiar quem tornou o PL o maior partido do Brasil e jamais se preocupar com quem quer acabar com o PL e com Bolsonaro", disse à Folha o deputado federal Bibi Nunes (PL-RS).

“Essa semana tive um problema sério, não vou falar com quem. Se continuar assim, vai implodir o partido. Pessoa do partido dando declaração absurda, como 'o Lula é extremamente popular'. Mandei ele tomar um [cachaça] 51 ali na esquina ali”

Jair Bolsonaro (PL) ex-presidente

Para o parlamentar gaúcho, Valdemar jamais deveria comparar os dois. "Lula é uma mosca e Bolsonaro é uma água. E água não caça mosca", completou. Outros integrantes da ala bolsonarista dizem que se trata de mais um episódio de uma fissura que já é antiga, entre o PL raiz e o bolsonarista. Já aliados do dirigente do PL atribuem o vídeo a uma ação de adversários. No final de semana, deputados senadores do PL saíram em defesa do presidente da sigla, após ele ser alvo de críticas nas redes sociais também pela avaliação positiva da indicação de Ricardo Lewandowski para o Ministério da Justiça. A Folha, na sexta-feira (12), o chefe do PL, disse que o novo ministro é "preparado, homem de bem, homem que sempre teve comportamento firme" e elogiou ainda a escolha de Cristiano Zanin, advogado de Lula, para o Supremo no ano passado. Os parlamentares do partido de Bolsonaro divergem sobre as expectativas em torno da condução da política de segurança pública de Lewandowski: se unânimes, porém, em defender Valdemar, que na opinião deles não abandonou o bolsonarismo.

"O Valdemar Costa Neto é um dos dirigentes partidários com maior credibilidade e postura partidária que eu conheço. Meu desgosto a ele", disse o senador Eduardo Gomes (PL-TO), que foi líder do Congresso de Bolsonaro. "Você precisa entender que não é bom radicalizar nestes momentos. O Brasil vive uma disputa polarizada e, por isso, a composição do governo tem várias configurações. Em determinado momento, até os partidos de oposição dão apoio ao governo. No caso do Valdemar, nem isso tem". Esta não é a primeira vez que Bolsonaro se incomoda com uma declaração do presidente do partido. No ano passado, chegou a dizer que via com bons olhos que Marta Suplicy fosse vice do prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB). O prefeito é pré-candidato à reeleição e deve ter o apoio do PL.

"Não é bem que eu defendi que ela fosse vice, o que eu falei foi que ela tem voto na periferia. Daí achei que para o Nunes isso era bom, mas o pessoal não quis", disse Valdemar ao Pánel. Ele declarou também que a fala foi mal interpretada e que Marta sempre foi de esquerda. No mesmo episódio de discordância, em novembro, Bolsonaro afirmou que o PL tem enfrentado problemas para definir nomes para as eleições de 2024 e que, por vezes, tem que "engolar" o candidato de Valdemar e vice-versa.

Veja ruídos entre Bolsonaro e Valdemar

Elogios a gestões de Lula Valdemar errou alvo de bolsonaristas por causa de vídeo de entrevista ao jornal O Diário, de Mogi das Cruzes (SP), seu recito político. Ele afirma que Lula tem "prestígio" e é fenômeno por "chegar onde chegou". Em entrevista à Folha, Valdemar disse que sua fala foi retirada de contexto, mas manteve elogios a Lula. Jair Bolsonaro (PL) falou a possibilidade de "implosão do partido".

Escolha de Lewandowski Em 12 de janeiro, Valdemar também elogiou a Folha a escolha de Lula de indicar Ricardo Lewandowski para o Ministério da Justiça. O dirigente do PL foi contornado no STF no escândalo do mensalão e, à época, foi beneficiado por voto de Lewandowski. Parte dos bolsonaristas tem atacado a nomeação do magistrado por suas decisões no ST favoráveis a Lula e ao PT.

Apoio a Nunes Valdemar afirmou em dezembro que o PL e Bolsonaro vão apoiar a reeleição de Ricardo Nunes (MDB) à Prefeitura de São Paulo, apesar de gestões do ex-mandante na direção contrária. O ex-presidente chegou a dizer das antes "salles prefere" Valdemar é aliado de Nunes e ofereceu a Salles a opção de se desfilar caso ele quisesse concorrer à prefeitura.

Candidaturas em capitais Em novembro, Bolsonaro afirmou que o PL tem enfrentado problemas para definir nomes para as eleições de 2024. Ambos divergem sobre candidaturas em algumas das capitais, e o acordo é que Bolsonaro teria preferência no Rio de Janeiro e Valdemar, em São Paulo. Nas demais cidades, a definição se dará por meio de pesquisas.

Reforma Tributária Valdemar disse em julho que Bolsonaro errou "a comunicação" quando se declarou contra a Reforma Tributária e que o PL ainda poderia mudar de posição no Senado, após 79 dos 99 deputados da sigla seguirem o ex-presidente e votarem contra a proposta. Parte de uma proposta que contou com o apoio massivo na Casa, a derrota caiu no colo do ex-mandante.